

A pesquisa em geografia e seus caminhos metodológicos através dos mapas mentais

Alice Regis Dorsa,

da Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis-SC - Brasil.
aliceregisdorsa@gmail.com

Rosemy da Silva Nascimento,

da Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis-SC - Brasil.
rosemy.nascimento@gmail.com

Resumo: Visando contribuir na ampliação do conhecimento sobre um território rico de símbolos, cultura e de um povo que narra sua resistência e suas memórias, o artigo relaciona o caminho metodológico no uso de mapas mentais na pesquisa que pautou-se em investigar o universo dos pescadores artesanais das praias da Armação do Pântano do Sul e Pântano do Sul, localizadas em Florianópolis-SC. As transformações socioespaciais, e as alterações culturais em áreas litorâneas e a grande concentração de turismo são decorrentes de diversos processos ligados à expansão urbana, modificando cada vez mais o modo de vida e a produção dos pescadores. Dentro desse cenário, evidencia-se uma busca na linguagem cartográfica e na Geografia que de conta de responder o caminho de uma pesquisa e quais instrumentos metodológicos auxiliam na discussão, por isso a escolha dos mapas mentais como ferramentas na busca pela leitura do espaço geográfico. Diante da realidade vivida nos territórios pesqueiros durante a pesquisa, discutimos neste trabalho como se deu a utilização dos mapas mentais. O que entendemos é que as pesquisas na Geografia são essenciais para desenvolver um registro dos modos de vidas das comunidades tradicionais, seus saberes e fazeres que tanto constroem o espaço geográfico.

Palavras-chave: Mapas mentais. Território. Fenomenologia.

Introdução

Dentro do pensamento geográfico o espaço continua sendo o grande objetivo de estudo, assim como as figuras cartográficas dentro da Cartografia ainda suscitam diálogos e reflexões. Cada qual em sua esfera de amplidão contribui para que nós cognitivamente trabalhemos as representações sociais e espaciais do nosso cotidiano.

Buscando contribuir para esta discussão onde estejam envolvidas a linguagem cartográfica e a Geografia, nos saltam aos olhos os mapas mentais, instrumentos que ligados a esse campo do saber produzem uma leitura perceptiva do espaço geográfico, e abarcam dentro desta pesquisa uma interface nos diálogos entre percepção e representação espacial dos territórios, neste caso o da pesca artesanal das praias da Armação e Pântano do Sul, localizadas ao sul da ilha de Florianópolis, em Santa Catarina.

Este artigo é resultado do processo de pesquisa ligado à dissertação de mestrado, ela está permeando o universo dos mapas mentais com o intuito de aproximar os diálogos

entre o mapear-representar, o mapear-comunicar e o mapear-pertencer dos pescadores artesanais da área de estudo já citada.

Porque os mapas mentais? Porque o território vivido? Porque esses atores? São questionamentos que muitas vezes envolvem o processo de pesquisa seja na Geografia ou em outras áreas do conhecimento. As diferentes perspectivas e escolhas em analisar um determinado objetivo de pesquisa nos remete principalmente ao processo metodológico escolhido para tal tarefa. É dentro dessas perspectivas que nos deparamos com uma infinidade de ferramentas, instrumentos de análise e metodologias que facilitam o nosso caminho de geógrafos e pesquisadores.

O objetivo geral do trabalho de pesquisa pautou-se em levantar através dos mapas mentais as diferentes representações espaciais dos pescadores artesanais das praias citadas, analisando suas representações espaciais e símbolos; e diagnosticando os territórios pesqueiros quanto sua cultura e resistência popular, afim de compreender como se dá a formação da percepção espacial de um determinado território.

Porém neste artigo o interesse é apresentar os caminhos possíveis dentro da pesquisa em Geografia que os mapas mentais são capazes de produzir, além de abordar as análises e reflexões acerca do espaço geográfico e de suas representações.

Para tanto, será feita uma abordagem teórica conceitual dos mapas mentais dentro da pesquisa em Geografia e seus caminhos metodológicos unindo as experiências vividas durante a sua aplicabilidade na pesquisa que está sendo realizada com os pescadores artesanais.

É necessário entender que os mapas mentais são um dos tantos caminhos metodológicos que podemos escolher para realizar uma pesquisa que envolva a necessidade de compreender e investigar as representações espaciais de um determinado lugar, território ou paisagem. Nesse sentido, reforçamos que o dialogo trazido faz com que troquemos experiências e sejam ampliadas as percepções relacionadas dentro do saber geográfico.

Núcleos pesqueiros e atores da pesquisa

Para melhor entender o universo simbólico e cultural trazido pelos mapas mentais, faremos uma breve exposição da nossa área de estudo e dos atores da pesquisa. Existem vários núcleos pesqueiros no interior da Ilha de Santa Catarina dos quais são representantes: a Barra da Lagoa, o Pântano do Sul e Armação, Ingleses entre outros.

Nesta pesquisa a área de estudo são as comunidades de pescadores artesanais das praias da Armação do Pântano do Sul e do Pântano do Sul.

A praia da Armação situa-se na porção sudeste da Ilha de Santa Catarina, localizada no litoral central do estado. Já a praia do Pântano do Sul está localizada na parte sul da ilha, onde chega-se através da SC 401 e depois pela SC 406, aproximadamente 35 km do centro de Florianópolis.

O que podemos observar em todo território de Florianópolis é a influência ambiental, simbólica e afetiva que o mar desempenha no cotidiano e nas práticas dos moradores. O mar também é o lugar de serviço, pesca, extração, meio de comunicação e memórias.

Segundo Claramunt (2008), a indústria da pesca se iniciou pela implantação da indústria baleeira, que teve um papel de destaque no comércio nacional e internacional. Por volta de 1740 se estabeleceu na costa catarinense o primeiro núcleo baleeiro denominado de Armação de Nossa Senhora da Piedade, hoje situada no atual município de Governador Celso Ramos. Na ilha se instalaria um núcleo baleeiro, em 1772, na Armação da Lagoinha, atual Armação.

A formação destes dois núcleos pesqueiros, a Armação e o Pântano do Sul ocorreram em função da influência da pesca da baleia e da imigração dos primeiros grupos de açorianos, formando pequenas vilas onde a agricultura e a pesca eram as principais atividades. Hoje o desenho da vila e os modos de vida se alteraram muito pela expansão urbana.

No caso da Armação, a praia tem uso múltiplo onde convivem pescadores, moradores e veranistas, ocorrendo uma confluência de interesses com a exploração dos barcos de passeio. Fenômeno similar acontece no Pântano do Sul, onde a atividade pesqueira convive com os turistas que frequentam restaurantes e pousadas ali localizadas.

O formato desses núcleos que se originou no processo de colonização no século XVIII, perdurou até aproximadamente a década de 1960, com os projetos de pavimentação e estrutura urbana das localidades interiores da ilha. Os elementos fundamentais desta estrutura, que tiveram uma evolução lenta e gradual são: a vila, as áreas parceladas para uso agrícola e as áreas comunais, sendo hoje estas as grandes “sobras” de terra à espera da valorização imobiliária, palco de algumas disputas dentro da reformulação do Plano Diretor Municipal.

O desenho dos núcleos pesqueiros caracteriza-se por ter um traçado de forma orgânica, constituída por ruas e caminhos de segmentos curtos, quase sempre terminando na praia, o que se chama de servidão, formando muitas vezes o desenho de “espinha de

peixe”. As principais vias são ocupadas pelo comércio e serviços, seguido das vias internas que geram os espaços de controle local onde circulam os seus moradores.

A área da Armação e Pântano do Sul são caracterizadas pela forte influência da pesca. Durante todo o período da colonização açoriana, registros confirmam a vinda destes imigrantes para aquelas localidades a partir do ano de 1772, evidenciado pelo registro arquitetônico da capela, hoje igreja de Sant’Ana, situada na Armação. O principal objetivo destas duas localidades estava na pesca de baleias. Ainda hoje percebemos a presença da cultura pesqueira, e do legado dos produtos oriundos da pesca baleeira em alguns locais.

A importância da pesca para a economia era tanto para a comercialização quanto para a subsistência daquela população. Hoje ainda nestas duas praias a pesca é uma atividade econômica fundamental, muitas famílias mantem esse ofício.

Segundo alguns registros nas décadas de 1960 e 1970 trazidos pelo trabalho de Claramunt (2008) ocorreu uma descoberta urbano-turística destas localidades e o decaimento das atividades agrícolas, como também a busca por trabalho em outras localidades, devido ao investimento na melhoria do acesso ao centro possibilitou-se um processo de recomposição lento e espontâneo do traçado urbano das praias.

A partir dos anos 90 em toda a ilha houve um desenvolvimento significativo das atividades e estruturas para o turismo. Claramunt (2008) ainda ressalta que os novos ares de um “progresso” perduraram possibilitando uma valorização das terras frente a especulação imobiliária junto com o desenvolvimento do turismo que promoveu alterações nos territórios das praias.

As comunidades presentes nas praias de Florianópolis se modificaram para atender às novas atividades. Muitos terrenos passaram por parcelamentos, construções de pousadas, casas para aluguel e restaurantes, mudando significativamente a paisagem.

Podemos observar, ao longo das encostas dos morros ocupações e novos acessos. Claramunt (2008) observou que durante a década de 90 houveram investimentos privados em função do turismo. O Balneário dos Açores foi um dos primeiros grandes empreendimentos, alterando a paisagem original. Porém as terras que eram comunais e as que são protegidas pela legislação ambiental mantêm-se como grandes reservas de mercado.

Diante deste histórico de transformações urbanas, culturais e territoriais tanto na Armação como no Pântano do Sul, os núcleos pesqueiros também modificaram-se e adequaram-se a essas mudanças, porém, manteve-se a pesca como atividade econômica. E

muito mais que isso, os pescadores continuam seu trabalho, resistindo às alterações da vida moderna e mantendo seus saberes.

Gerber (1994) afirmou, que e os pescadores “sabem interpretar cada sinal deste mar familiar: a cor da água, os batimentos das ondas, a força da corrente, são tantas marcas sensíveis para conhecer a natureza dos fundos, o estado da maré ou a cara do tempo”, e ainda ressalta que sobre este espaço conhecido, eles orientam-se sem carta ou instrumento, e é isso que a autora explica que nos interessou nessas duas comunidades em questão.

O uso da terminologia *artesanal* para caracterizar os pescadores neste trabalho busca-se justificar pela estreita relação deste pescador com o saber das suas tradições culturais, que está intrínseco à sua prática pesqueira cotidiana.

Porém, a trajetória de reconhecimento destes atores sociais é de muita luta por seus benefícios e direitos, a atividade da pesca artesanal e/ou tradicional ainda não possui uma definição precisa nos órgãos regulamentadores, impedindo muitas vezes esses pescadores de exercerem seu trabalho com dignidade.

Isso porque é uma atividade desenvolvida em longa escala no litoral brasileiro, indo além dos limites costeiros. Por ser uma atividade diversa em seus modos de praticar o esforço de realizar uma definição de maneira geral e detalhada é complexo.

Esta questão já é um desafio diante da realidade colocada, mas consideramos de muita importância registrar o modo de se realizar esta atividade na área de estudo da pesquisa, a fim de garantir a valorização destes trabalhadores e trabalhadoras.

Por isso, a pesquisa procurou entrar em contato com os pescadores que vivenciam o mar e que possuem uma relação afetuosa com seu trabalho e lugar. Os atores pesquisados foram selecionados contemplando o perfil: serem pertencentes ao grupo de pessoas que residam nas duas praias citadas, Armação do Pântano do Sul e Pântano do Sul e que tenham como trabalho principal a pesca artesanal.

Ainda como motivos que levaram-nos à escolha, destacamos os atores que atuam na comunidade por meio de associações e movimentos sociais, como também jovens pescadores que procuram seguir o ofício familiar e mulheres que vivenciam o cotidiano da pesca.

Horizontes e caminhos da pesquisa

A cartografia como linguagem, surge anteriormente à invenção da escrita, onde as informações cartográficas serviam de base para tomada de decisões e encontravam-se soluções para o problemas cotidianos. A cartografia constituiu-se numa das principais

ferramentas usadas pela humanidade para ampliar os espaços territoriais e organizar sua ocupação. No entender de Castrogiovanni (2000, p. 39):

Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico matemáticas, técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervém na construção de mapas, cartas, plantas e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem. Assim a cartografia é uma ciência, uma arte e uma técnica.

Mas, por outras perspectivas a cartografia também é um instrumento de poder social, político, de resistência e controle. Seemann (2003) constrói um conceito de uma cartografia crítica, onde ele considera que por muito tempo, os mapas foram vistos como representações objetivas da realidade, sendo um modelo normativo da cartografia científica que apresentava os mapas como documentos não ideológicos, livres de valores e arbítrios.

Para o autor isto se caracteriza como uma visão positivista. A realidade poderia ser expressa em termos matemáticos e os objetos mapeados seriam reais e objetivos, existindo independentemente do cartógrafo (Harley, 1989).

John Brian Harley (1932-1991) foi um geógrafo e historiador importante para a tradição dentro da Cartografia, desde o começo do ano de 1980 estimulou a elaboração de uma perspectiva diferente para a cartografia, criticando o modelo vigente e dominante e abrindo o caminho para o surgimento de uma visão cartográfica que oscila entre uma “nova história da Cartografia” e a “história de uma nova Cartografia” (Meneguette, 2002).

As transformações da construção de um conhecimento social e do conhecimento científico também se dão no campo ideológico, no campo de movimentos sociais, de embates territoriais e de lutas de classes. É nesse enfoque e diante de inúmeras outras situações que a cartografia também (re)significa-se, (re)inventa-se e resgata algumas perspectivas de outros olhares que não são somente os clássicos e tradicionais.

A cartografia pode ser vista como um conhecimento social preocupado com o homem, oferecendo uma linguagem ímpar que é a linguagem visual para o uso social. O mapa um de seus grandes produtos deve ser articulado como linguagem visual dinâmica, que contém inúmeros significados culturais, e é mais frequente na vida das pessoas do que elas possam imaginar, conforme argumentam Pissinati & Archela (2007, p. 109):

Ao se tratar dos conceitos que envolvem a representação gráfica, a referência não é apenas para os mapas usados nos livros ou no meio digital. O traçado de um campo de futebol, o trajeto do quarto até a cozinha, a vista vertical a partir da janela de um prédio, a posição da mesa do professor em relação às carteiras da sala de aula, tudo isso requer um mínimo de conhecimento sobre localização, projeção, proporção e simbologia. Ao contrário do que muitos estudantes

pensam, não é na escola que eles começarão a adquirir conhecimentos cartográficos. Na verdade, eles já trazem uma bagagem de conhecimento empírico que apenas será transformado em conhecimento formal, mediante a conscientização sobre o seu uso e sua nomenclatura.

Nessa perspectiva é que justificamos este trabalho e que percebemos quão importante e rico é o universo de conhecimento e diversidade das representações espaciais que um determinado ator social ou um grupo social observa e constrói sob seus territórios.

Quanto da sua vivência, trabalho, família e histórias contribuem e enriquecem ao pertencimento de um lugar, produzindo não só relações de poder mas espaços do acontecer solidário, como aborda Milton Santos, as solidariedades pressupõem coexistências no espaço geográfico, é a partir do território e dos lugares que se está gestando um novo tempo, esse novo tempo se caracteriza pelo processo de resistência dos lugares às perversidades impostas a ele pelo mundo.

Por isso consideramos que o viés teórico-metodológico e conceitual que mais se encaixa dentro do desenvolvimento do trabalho era uma pesquisa qualitativa, tendo como eixo central a história de vida oral e a observação dos modos de vida destes pescadores, o processo de pesquisa ainda encontra-se em andamento e requereu alguns instrumentos como trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas, diário de campo e principalmente a aplicação de mapas mentais sendo o principal caminho para a análise das representações espaciais dos atores da pesquisa.

Mapas Mentais: caminhos da construção sociocultural

Para desvendar este caminho da pesquisa, em seu contexto metodológico é também necessário entender os mapas como produtos culturais, decorrentes de um processo de apreensão dos significados e subjetividades espaciais refletidos através dos indivíduos e de sua compreensão sociocultural de um determinado espaço.

Trilhar esse caminho nas pesquisas em Geografia, significa sem dúvidas descobrir as reflexões acerca das representações espaciais e associá-las aos aspectos socioculturais que envolvem determinada comunidade ou povo.

Nesse sentido, o artigo em si apresenta dentro dessa abordagem conceitual os mapas como construções de um determinado território e de seus agentes, abordando principalmente a fenomenologia como método de abordagem do espaço, o lugar como

fenômeno da experiência e as imagens decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades contidas nos mapas mentais.

Aproximações do Espaço na Fenomenologia

A fenomenologia busca estudar o cerne das questões e segundo ela, todos os problemas devem ser vistos como definição das essências, considerando a percepção e a consciência espacial. Segundo Merleau-Ponty (1971, pg.1), a fenomenologia se caracteriza por ser “(...) uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade”.

Na fenomenologia podemos abordar o espaço entendendo ele como o vivido, o território experienciado de forma a se aliar aos universos da memória e do cotidiano de cada indivíduo, demonstrados através de sua história, sua relação e reconhecimento com um determinado lugar.

Os conteúdos deste mundo vivido, para Johnston (1986) apud Bertin (2013, pg. 108) “são únicos para cada indivíduo, pois cada um de seus elementos é o resultado de um ato de intencionalidade – seu significado é atribuído pelo indivíduo, sem o qual ele não existe, mas com o qual ele influencia o comportamento”.

A perspectiva fenomenológica exemplifica muito bem uma não dicotomia do homem com a natureza, “O homem e o mundo constituem uma unidade através de suas mútuas implicações, então é a intencionalidade que fornece sentido ao mundo e somente através do exame destas intenções poderemos tentar compreender esta unidade”. (GOMES, 1996, p. 327).

Essa maneira de pensar o espaço encontra-se baseada nos conceitos da Geografia Humanística em sua vertente fenomenológica, entender o espaço através da sua própria percepção é importante, pois, de acordo com MERLEAU PONTY (1971, p. 64), a cada pessoa assimila de um modo o espaço e tem na sua própria percepção o vivido. O autor busca ressaltar “...ao mesmo tempo é verdade que o mundo é o que vemos e que contudo, precisamos aprender a vê-lo”. Podemos por assim dizer que é Fenomenologia, uma releitura do espaço.

O Lugar como fenômeno da Experiência

O viés fenomenológico considera o lugar não apenas como mera localização, mas como fenômeno experienciado pelas pessoas que vivem nele. Muito bem abordado por Bailly e Scariati apud Nogueira (2008) ao afirmar que:

O homem é ator geográfico, o lugar é seu espaço de vida, todas as relações aí se misturam num labirinto de ligações veiculando nossos sentimentos, nossas memórias coletivas e nossos símbolos... O sentido do lugar reflete a qualidade percebida de um espaço... Esse sentido do lugar é essencial na identificação humana... A ausência de sentido do lugar, "placelessness", antítese da identidade humana, é então considerada como um entrave ao bem estar dos homens. (BAILLY e SCARIATI apud NOGUEIRA, 2008, p.226).

Desta forma, o lugar torna-se uma categoria valiosa para uma pesquisa que vise analisar as representações espaciais de um determinado território, Tuan (1983) considera como um dos conceitos que definem a natureza da geografia, pois é possível percebê-lo a partir das experiências que dele se tem. E é a partir destas experiências vivenciadas pelo corpo e através dos sentidos que o tornamos visível. Dentro dessa experiência dita pelo autor, expressa-se uma relação acima de tudo afetiva, simbólica e emocional do indivíduo.

Ainda em Tuan (1983), observamos o lugar sobre duas lentes: a do lugar como uma localização e à que ele prioriza sendo o lugar como um componente único do espaço. Retomando esse fio teórico muito bem discutido por Dardel e Relph (1976), ressaltam que os espaços contêm lugares e que os lugares são os espaços mais imaculados dos homens, e que uma localização não o define por si só, mas é a relação dialógica que se tem nele através do mundo vivido.

Muitos teóricos alinham o lugar com a cultura, os símbolos e a memória, através da contínua renovação destes elementos. A Geografia Cultural considera o lugar por diversas óticas, inclusive através do simbolismo e dos significados que esses códigos expressam.

Para compreender tais impressões marcadas pela cultura é necessário também utilizar uma linguagem, pois dentro desse grande espaço geográfico, que cabe tanto à paisagem, como o lugar e o território, todos possuem significado simbólicos. Para COSGROVE (1998, pg.108) "são produtos da apropriação e transformação do meio ambiente" pelos seres humanos, logo formam parte desta construção sociocultural de um espaço.

Os símbolos presentes no lugar permitem também enxergar a relação que os sujeitos possuem com ele. Ainda para o autor, isto confere em um método de leitura detalhada do próprio lugar, assim:

Os dois principais caminhos para isto são o trabalho de campo e a elaboração e interpretação de mapas. Ao desenvolver tal conhecimento pessoal inevitavelmente é gerada uma resposta altamente individual. É uma resposta, ou respostas, das quais precisamos estar cientes não para antecipá-las na busca da “objetividade”, mas, em vez disso, de modo que possam ser refletidas e honestamente reconhecidas nos textos de nossa geografia. (COSGROVE, 1988, p.109).

Para começar entender os significados e subjetividades contidas nos mapas mentais, é necessário ver a dimensão simbólica em um determinado lugar, esclarece-nos muito das experiências vivenciadas por seus atores e construtores. O simbólico tem enorme papel dentro da cultura e do espaço geográfico de uma comunidade.

Dos Símbolos, Significados e Subjetividades

O universo simbólico presente nos espaços e na construção temporal de uma comunidade é expresso de diferentes maneiras, diversas áreas do conhecimento procuram compreender essa complexa relação entre o significado e a subjetividade dos símbolos socioculturais, tanto na geografia como na própria cartografia, um ícone em uma determinada legenda pode ser apenas um símbolo, mas dentro de um processo de mapeamento participativo pode representar uma figura que expressa uma cultura ou um conflito de natureza simbólica daquele lugar.

O significado é anterior as formas simbólicas, e o significado são construções intelectuais que visam dar sentido às diversas esferas da vida, são o fundamento de todo o conhecimento. Criados e recriados pelos diferentes grupos sociais, os significados são expressos em símbolos que constituem os traços fundamentais do ser humano (Corrêa, 2012, pg. 135).

As formas simbólicas podem ser expressas de maneira material ou imaterial, entre essa está a forma escrita, oral e a linguagem, que pode ser criada e recriada. Já as formas materiais são infinitas, vai desde um costume religioso a uma receita ou vestimenta. Essas formas simbólicas se tornam espaciais quando estão diretamente ligadas ao espaço por fluxos e fixos, ou seja, itinerários e localizações. Elementos estes que podem compor os lugares simbólicos, carregados de manifestações culturais e populares, com significados políticos, sociais, religiosos e étnicos.

Os lugares que foram muitas vezes representados nos mapas mentais dos pescadores tendem a ser lugares simbólicos vernaculares, Boyer apud Corrêa (2012), nos esclarece

121

que os lugares podem ser retóricos ou vernaculares, o que os diferencia são as práticas simbólicas: o primeiro remete aos oficiais, lugares de marco e cerimônias cívicas, onde a população é espectadora. Os lugares vernaculares são palcos das práticas simbólicas populares, marcados por uma tradição popular e com conexões identitárias. Para Corrêa (2012):

(...) os lugares simbólicos resultam de complexo processo de criação, interno ou externo, para o qual há várias tensões que envolvem diferentes agentes sociais criadores e usuários de significados. Desse processo, resultam a preservação ou transformação, parcial ou não, dos lugares simbólicos e a resignificação de seu status político, religioso, étnico ou histórico, que pode ou não incluir sua mercantilização. (CORRÊA, 2012, pg. 140).

Por isso pensa-se que é pertinente à “ciência do espaço”, o estudo das formas simbólicas, isto deve-se pelo conteúdo geográfico que acredita-se existir nelas. Na geografia é necessário resgatar o poder que existe na subjetividade dos símbolos, da cultura, do lugar, do indivíduo na possibilidade de então se construir um diálogo com outras ciências, como cita KOZEL (2001, p.137):

“...a Geografia passa a estabelecer ligações com outras áreas do conhecimento com a Arte, a História, Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Psicologia e Linguagem, buscando subsídios para as interpretações culturais, o que torna imprescindível a reunião do maior número possível de elementos referentes a valores e significações de um grupo. Muitos desses estudos não são considerados como científicos por diferir em termos metodológicos, pois estas análises vão além dos domínios do racional, atingindo as significações, do simbólico”.

Para Cassirer (2001), “as formas simbólicas são os estados progressivos do aparecimento da consciência”, podemos entendê-las como criações constantes na sociabilidade humana, sendo um pouco difícil enquadrá-las dentro de um padrão único. É da natureza humana simbolizar mundos, interiores ou exteriores.

Os símbolos fazem parte da história da humanidade antes mesmo de sabermos escrever. Carl G. Jung (2002) explica que os símbolos possuem uma carga de significado inconsciente – referente à ordem pulsante dos desejos representativos das afeições e aversões ao meio e aos outros –, e que esta carga de significação está muito além de um contato imediato e primário com o que se está considerando na categoria simbólica.

O termo, símbolo, possui uma importância no âmbito das ciências humanas como um todo. De acordo com Jung (2002, p. 20):

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] assim, uma palavra ou uma imagem é

simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.

Os símbolos possuem extrema importância dentro da cartografia, podendo ser de dois tipos aqueles contidos na “gramática cartográfica” ou os de ordem subjetiva, vinculada às percepções e sentidos atribuídos pelas pessoas a essa linguagem supostamente objetiva que é a representação gráfica (Martinelli, 2003).

Porém a utilização dos símbolos e da simbologia não está calcada em uma gaiola, faz parte também de uma reflexão sobre a “geograficidade” das formas simbólicas, entendendo-as dialeticamente como modelagens das manifestações culturais de um lugar. Sejam elas materiais, imateriais ou comunicacionais, com linguagens verbais e não-verbais, tais formas ganham significação expressiva para decodificação dos territórios.

E é esse processo de codificação e decodificação formulado através de nossas percepções e transformados em representações espaciais vinculados aos mapas ou linguagem que o próximo tópico espera discutir, contribuindo para entender o processo de formulação dos mapas mentais como caminho metodológico para a Geografia.

O caminho metodológico dos mapas mentais na geografia

Consideramos que a cartografia é utilizada com frequência no dia-a-dia de um indivíduo. Geralmente remetemo-nos ao mapa como representação gráfica do espaço, e esquecemos das situações simples do cotidiano.

O traçado da nossa casa, o trajeto de um local ao outro, a explicação do caminho para determinado lugar, nossa posição referente ao sol, como encontrar o norte, como fazer o traçado de uma horta. Muitas atividades exigem noções básicas de localização, simbologia, escala, projeção ou proporção e da própria comunicação e linguagem. Imagine o cotidiano de um pescador?! Esses trabalhadores possuem uma gama de informações para navegar, aportar, orientar-se, qual direção seguir, entre tantas outras tarefas.

É instigante saber como esse saber cartográfico é agregado na memória através do próprio desenvolvimento cognitivo ou das experiências transmitidas por outros meios e pessoas, garantindo que mesmo sem saber os nomes ou técnicas de localização, os pescadores desenvolveram maneiras seguras de realizar seu trabalho, muito pela observação da natureza, capacidade de armazenar essas percepções e experimentá-las, chave do aperfeiçoamento.

123

Entender a origem desse processo e como se dá a construção de uma representação espacial é sem dúvida um caminho para compreender o espaço geográfico e as interações sociais e culturais que nele são impressas e marcadas. No caso dessa pesquisa foi necessário compreender como se processa a informação e se transmite na forma de um mapa mental, para tanto foi importante revisitar conteúdos teóricos que exemplificassem esse processo. Voltamos nossa leitura principalmente para a metodologia elaborada e utilizada por Salette Kozel (2001) e discutida muito pela perspectiva da Geografia das Representações.

Nessa perspectiva o meio social reforça a visão de mundo do indivíduo, quanto mais distante do círculo individual maior a amplitude de suas representações. Claval (2011) considera que sendo a sociedade baseada nas experiências é fato que uma representação é a criação social ou individual de esquemas relevantes do real. Moreira (2007) expande esta discussão ao dizer que:

A representação é o mundo construído na dialética da imagem e da fala. Vimos que a imagem surge no campo da senso-percepção, e a fala surge no campo da tradução intelectual dessa imagem, e que ambas estão inscritas no conceito. A representação é o produto da transcodificação que se estabelece entre imagem e fala dentro do conceito, na qual a imagem se exprime através da fala e a fala codifica e dá voz à imagem. E é por meio delas que se faz presente. De modo que mundo é a imagem e a fala com que o representamos ao fazermos intervir o sentido da significação no conceito. (MOREIRA, 2007, pg.107).

Nessa perspectiva a Geografia pode ser considerada uma forma de leitura do mundo, Ruy Moreira afirma que a realidade observada, recortada e analisada pelos geógrafos é um dos tipos peculiares de compreensão da natureza e de suas próprias representações, desenvolvendo maneiras de lê-la e se possível entendê-la.

A percepção sensível é o contato imediato e primário com a realidade tendo posteriormente uma reflexão do real. A partir dessa reflexão a mente é capaz de produzir imagens de diferentes significados, e estas ao serem representadas através da fala ou de outra imagem, estão ligadas ao que se vê ou ao que se expressa muito através da simbolização enraizada nesse intermeio.

Por isso, para nós geógrafos, quanto mais variadas e diversas forem as formas de se ver o mundo, existirão tantas outras formas de interpretá-lo, passo importante para compreender os fenômenos sociais e naturais, algo que para a Geografia é de extrema importância, inclusive no que tange o seu ensino. Como destaca Kozel (2001, p. 214):

O ensino de geografia teria mais significado se priorizasse a pesquisa e análise das representações construídas pelas sociedades, considerando ainda o próprio aluno como agente de representações e conhecimentos necessários para entendimento das relações estabelecidas na organização espacial.

Por isso o grande interesse de saber como os pescadores artesanais concebem e interpretam seu território, sua paisagem, para que esse conhecimento componha as representações espaciais do universo vivido por tais atores.

É nessa visão que o mapa também surge como um instrumento de linguagem, de pensamento e de conhecimento (KATUTA, 2003). Pois como muito bem aborda Callai (2003, pg. 61) podemos reconhecer os problemas espaciais como questões que tenham a ver com a nossa vida, pois ao fazerem parte de nosso cotidiano são mais fáceis de serem reconhecidos.

Por ser assim, desvendamos as formas que se apresentam como resultado das relações sociais dos homens com a natureza, quanto mais conseguirmos diagnosticar e interpretar essas representações do visível no cotidiano das populações, mais fácil será o caminho para soluções.

Mapa é imagem, seja ela virtual ou mental, invoca um território, um lugar - aqui falamos no sentido amplo destas categorias. Dentro deste campo das representações, o espaço representado no mapa não corresponderá unicamente as propriedades do espaço puramente real concebido na mente humana, “o espaço convencionalmente representado no mapa é contínuo, isotrópico e bidimensional. Já o espaço humano é descontínuo, anisotrópico e tridimensional e sofre mudanças em termos, principalmente, de tempo e custo” (Oliveira, 1978, p. 25).

Nesta pesquisa não estamos interessados nessa perspectiva *ipsis litteris* do espaço, pois o real ou a realidade é um conceito muito questionado nas ciências. Como se produz realidade? Aquilo é real ou não? A proposta é concentrada no objetivo geral, que pauta-se em levantar as diferentes representações espaciais dos pescadores artesanais das praias do Pântano do Sul e Armação.

E um dos instrumentos que tem sido muito utilizado para atender essa questão é a aplicação metodológica de mapas mentais, que referem-se à construção de uma representação espacial de próprio punho de determinado espaço, utilizando, como também destaca Gould & White apud Kozel (2001) os mapas mentais “são representações individuais provenientes de interpretações do campo social coletivo e particular”, podendo dizer que essas representações espaciais são imagens filtradas do que consideramos o real.

A geografia das representações tem como raiz a Geografia Cultural e Humanista e os mapas mentais possuem essa importância dentro dos estudos da geografia das representações, impulsionados pelo trabalho de Kevin Lynch nos anos 60. Atualmente essa corrente de conhecimento na Geografia cunha seus estudos buscando os sentidos

125

atribuídos ao concreto e ao subjetivo da realidade objetiva e projetada pelos indivíduos e suas comunidades.

Essas duas grandes áreas, cultural e humanística ligadas aos significados simbólicos, as representações do mundo e suas interpretações norteiam o objeto de estudo das ciências sociais e humanas como a antropologia, sociologia e a psicologia, mas é na Geografia que essas duas grandes áreas possibilitam uma dimensão espaço-temporal quanto à organização social. Como Gil Filho aborda:

Muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para organização da realidade [...]. O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência originária na contextualização do sujeito, Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata. (GIL FILHO, 2003, p. 3)

Portanto, consideramos que o instrumento da cartografia cognitiva, o mapa mental, conforme a metodologia proposta por Lynch (1990) e a de Kozel (2001), está sendo de grande valia para interpretar a organização espacial e social dos núcleos pesqueiros pesquisados.

A busca para a construção de um mapeamento como este, parte sem dúvida das representações individuais dos pescadores (identificando-se os pontos comuns entre as diferentes representações individuais), seguindo a sucessão “meu” (representação individual), “nosso” (representação coletiva de nível intermediário, específica para cada grupo) e o “território pesqueiro” sendo representação coletiva de nível superior (TUAN, 1983).

Na construção desses mapas mentais que abrange o nível simbólico, o tempo passa a ser uma categoria de análise chave. Nesse sentido, tempo e espaço formarão o substrato das representações; espacialidade e temporalidade fundem-se para dar vida ao todo simbólico, e expressar através da oralidade, a memória e a afetividade que os pescadores possuem com o seu território.

Isto nos leva a pensar sobre como a experiência e a percepção do homem sobre a terra faz parte do seu cotidiano. Um cotidiano de experiências que já foi posto na Geografia como objeto de estudo primordial, Yi-Fu Tuan (1996), nos lembra que a “Geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas”

Acredito que a Geografia vem buscando avançar seu entendimento sobre o espaço geográfico de uma maneira a não reduzi-lo à sua dimensão apenas concreta, lógica e formal. No Brasil, esta percepção mais subjetiva do espaço dentro da Geografia, eclodiu na década de 1970, tendo seus estudos permeados por uma visão dos fenômenos imateriais, ligando a ideia de representação ao espaço vivido e não a um espaço puramente limitado.

Este espaço vivido onde permeia toda a perspectiva dos mapas mentais é compreendido por Bonnemaïson (2002) e Frémont (1980) sob o ponto de vista da experiência, formado “pela soma dos lugares e trajetos que são usuais a um grupo ou indivíduo” (BONNEMAISON, 2002, p. 110).

Dentro deste ponto de vista trazido pelos autores percebemos como a cartografia possui uma trajetória significativa dentro da história das ciências, todo o percurso até a sua institucionalização foi mediante aos interesses políticos e científicos. Hoje vemos uma busca pela democratização cartográfica e pela participação popular na definição do seu espaço social, garantindo a legitimação da mesma em reivindicar seus territórios, e digamos que a cartografia hoje tem se tornado muito mais geográfica pela sua aplicabilidade e razão social.

Assimilando muito das ideias de Harley, os autores Vergara e Capilé (2011) afirmam que para o estudo dos mapas é importante superar o “positivismo cartográfico” de modo a não somente investigar e catalogar os mapas segundo suas características técnicas e de produção. Hoje as iniciativas por mapeamentos participativos ou que contemplem uma visão subjetiva e menos concreta são mais difundidas, não estão ligadas necessariamente as exigências administrativas muitas vezes colocadas pelos órgãos cartográficos.

Hoje a cartografia pode ser um instrumento muito mais político e crítico dentro da Geografia, mapear e identificar grupos sociais pouco reconhecidos, dando-lhes visibilidade, no que diz respeito a sua história, conflitos, reivindicações, cultura e saberes, contribuí para a construção da própria realidade de um território, dando voz a quem muito foi calado.

Da metodologia escolhida

Alguns estudos apontam os mapas mentais como metodologia de investigação nos debates de percepção ambiental, percepção de paisagens e nos trabalhos de antropologia Nogueira (2004, p. 125). Nesse sentido, quando determinamos nossos atores da pesquisa, a área de estudo e o problema da pesquisa, nos indagamos sobre o percurso metodológico que iríamos trilhar para chegar aos resultados esperados, então percebemos que por mais amplo que seja o território pesqueiro é necessário que ele seja registrado e analisado pela ótica de seus próprios agentes.

Então da escolha de aplicação de mapas mentais como aporte metodológico. Todo esse processo já vem sendo trilhado ao longo de diferentes pesquisas, uma delas e de grande importância está na pesquisa de Kozel (2001), “Imagens e linguagens do geográfico: Curitiba capital ecológica”, em que a autora utiliza os aportes teóricos e metodológicos de mapas mentais para investigar pelo olhar de 4 grupos – morador (geral, estudantes do Ensino Fundamental e estudantes do 3º grau) e não morador – a percepção deles sobre “Curitiba a capital ecológica”.

Sendo um universo amplo a autora, Kozel (2001) considera o mapa mental como um “texto”, e na busca de interpretação, desenvolveu uma metodologia que possibilitou uma análise criteriosa dos signos existentes nos mapas mentais. Esse modelo metodológico vem sendo implementado com adaptações por outros pesquisadores, comprovando a validade científica dessa metodologia, atualmente, conhecida como “Metodologia Kozel”.

Na pesquisa a sua escolha deu-se por essa confiabilidade já experienciada em outras pesquisas, e pela possibilidade de também contribuir na construção desse pensamento. Como todo caminho, as pedras ou percalços nos encontram, mas também possibilitam a superação e os mecanismos de adaptação no processo de pesquisa.

Apesar das críticas que os mapas mentais recebem quanto a veracidade de seus resultados, Lynch (1960) na utilização dos mapas mentais como instrumento de investigação da percepção humana sobre o espaço vivido, tornou-se ao longo do tempo referência mundial para os atuais pesquisadores.

No trabalho de Helena Kashiwagi (2011), a autora ressalta que se tratando de uma ferramenta subjetiva, ainda são poucos os estudos metodológicos acerca dos mapas mentais. O que conseguimos observar são “métodos de análise que resultam em classificações com critérios específicos, mas com pouca tentativa de interpretação e significação dos signos existentes nas imagens mentais” (KASHIWAGI, 2011, pg. 191). Por isso apresentamos como se dá a análise e interpretação destes mapas na metodologia que adotamos para a pesquisa.

A análise e interpretação de mapas mentais na Metodologia de Kozel

Salete T. Kozel é geógrafa, Doutora em Geografia (2001), atualmente, é professora adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (Brasil). Sua metodologia fundamenta-se nas teorias sógnicas e na abordagem *sócio-interacionista-baktiniana* para desvendar o significado dos signos de uma imagem, contribuindo nas

análises espaciais e compreendendo a lógica dos atores, desde as aspirações individuais aos sistemas de valores dos grupos sociais.

Kozel concebeu a metodologia em três momentos: 1) classificar os mapas pelas categorias ou parâmetros; 2) associar às entrevistas dos indivíduos, atores da investigação; 3) os elementos identificados nos mapas mentais são analisados por meio das teorias linguísticas (Bakhtin) para, então, compreender a intencionalidade dos significados das imagens, considerando o mapa mental como um texto.

Os parâmetros para a classificação dos mapas são: a) a interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; b) a distribuição dos elementos da imagem, quanto à especificação dos ícones (pela representação de elementos da paisagem natural, da paisagem construída, dos elementos móveis e humanos); c) a apresentação de outros aspectos ou particularidades.

Durante o processo de análise dos mapas interpretamos que estes parâmetros são chaves para facilitar o processo de diagnosticar um determinado território. Por tanto a classificação dos mapas são distinguidos pela sua diversidade de formas representativas, que são identificadas por ícones ou formas de representação gráfica por meio de desenho; letras palavras que complementam as representações gráficas; e mapas formas de representação cartográfica que evidenciam a espacialização do lugar. Já a interpretação quanto à distribuição dos elementos da imagem, serão classificadas segundo a disposição da imagem:

- Representação da imagem em perspectiva;
- Representação da imagem em forma horizontal;
- Representação da imagem em forma circular;
- Representação da imagem em forma de quadros e quadras;
- Representação da imagem de maneira dispersa;
- Representação de imagens isoladas.

E os ícones serão imagens classificadas quanto à forma e a distribuição, partindo-se do mais simples ao complexo, especificando os ícones como:

- representando elementos da paisagem natural;
- representando elementos da paisagem construída;
- representação de elementos móveis;
- representação de elementos humanos.

No segundo momento, os mapas mentais serão associados às entrevistas para se desvendar o mundo vivido do indivíduo, as relações de afetividade e os valores simbólicos do lugar representados nas imagens mentais. No nosso caso de pesquisa, a utilização das

129

entrevistas se deu pelo processo de coleta das histórias orais de vida. Ao final deste momento, os elementos identificados são analisados por meio da teoria linguística de Bakhtin.

Para muitos autores a metodologia Kozel mostra-se a mais complexa, pois vai além da classificação dos mapas mentais ao alcançar a interpretação deles com os aportes das teorias sógnicas e linguísticas. No atual momento a pesquisa encontra-se nesta fase de aplicabilidade da metodologia, sendo desvendado os conteúdos de cada mapa.

Considerações Finais

O que percebemos é que de certa forma, a metodologia de Kozel tem sido referência para diversos pesquisadores brasileiros, tendo em vista suas perspectivas metodológicas interdisciplinares que concretizam os mapas mentais como eficiente instrumento científico de subsídio às políticas públicas de planejamento. Com base nesses modelos, é inevitável que surjam novas propostas, refletindo o tempo atual e apresentando perspectivas diversas novas possibilidades de pesquisa no campo da geografia utilizando este caminho.

A pesquisa procurou utilizar somente os mapas mentais como fontes cartográficas para apresentar o território pesqueiro das praias da Armação e Pântano do Sul, espera-se que esses mapas que estão sendo elaborados pelos próprios pescadores apontem a realidade local, criando condições para que cada pescador cartografe sua percepção espacial. Na análise desses mapas levaremos em conta o processo de identificação das culturas tradicionais e demais símbolos que legitimam a presença e o direito à conservação da pesca artesanal e tradicional nessas praias.

Para essa análise utilizamos a metodologia proposta por Kozel, como um caminho metodológico. Por entender que existam limitações nos mapas “convencionais” implicando a necessidade de refletirmos uma outra forma de ler e entender o espaço geográfico, pois através de novas maneiras de cartografar é que acharemos os sentidos que expressem o cultural e o social, produtos do entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou excluído de um povo.

Research in geography and its methodological paths through mental maps

ABSTRACT: Aiming to contribute to the expansion of knowledge on a territory that is rich symbols, culture and a people who describes their strength and memories, the paper connects the methodological use of mind maps in research that was marked to investigate the world of artisanal fishermen the beaches of Armação do Pântano do Sul and Pântano do Sul, located in Florianópolis-SC. The socio-spatial transformations, and cultural changes in coastal areas and the large tourist concentration are due to various processes linked to urban sprawl, changing more and more the way of life and production of the fishermen. In this scenario, a search is

evident in the cartographic language and geography that account to respond the path of research and methodological tools which assist in the discussion, so the choice of mind maps as tools in the search for reading of geographical space. Faced with reality experienced in fishing territories during the research, we discuss in this paper how was the use of mind maps. What we mean is that research in geography are essential to develop a register of the way of life of traditional communities, their practical knowledge that build the geographical space.

Keywords: Mind Maps Territory. Phenomenology. Way of life.

Referências

- BERTIN, M. Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas. **Revista Geografar**. Curitiba, v.8, n.2, p.104-132, dez./2013.
- BERTIN, J. **A neográfica e o tratamento gráfico da informação**. Curitiba : UFPR, 1986, 273p.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L. E ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p.83-131
- CALLAI, H.C. Do ensinar Geografia ao produzir o pensamento geográfico. In: REGO, N. [et al] (orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em Educação o local e o global**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 57-73.
- CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas I: A linguagem**. Tradução por Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- CASTROGIOVANNI, A, C. (org). **Ensino de geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CLARAMUNT, M, C. **Configuração urbana e identidade espacial: estudo de localidades praianas na ilha de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2008.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia**. Editora UFSC. Florianópolis, 2011.
- CORRÊA, R, L. Espaço e Simbolismo. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COSGROVE, D. A geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERJ, 1998. p.92-123.
- FRÉMONT, Armand. As lições da ciências humanas. In: _____. **A região, Espaço vivo**. Tradução de António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980 p.17-28.
- GERBER, R, M. **Mulheres e o mar**. Tese de Doutorado. UFSC. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013.

GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia.** Artigo apresentado originariamente no 5º Encontro Nacional da ANPEGE sob o título: Espaço de Representação: Epistemologia e Método. 2003.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HARLEY, J. B. **Deconstructing the map.** *Cartographica*, Toronto: University of Toronto Press, v. 26(2), p. 1-20, 1989.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** 6ªEd. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

KATUTA, A.M. Representações Cartográficas: teorias e práticas para o ensino de Geografia. In: **Geografares.** N° 04. Vitória: EDUFES, 2003. p. 07-19.

KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui:** a homonímia sígnica da paisagem em áreas preservada. Curitiba, 2011. (Tese de Doutorado)

KOZEL TEIXEIRA, S. **Imagens e linguagens do geográfico.** Curitiba capital ecológica. São Paulo: FFLCH USP. 2001 (Tese de Doutorado)

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1990

MARTINELLI, Marcello. **Cartografia Temática:** caderno de mapas. São Paulo: Edusp, 2003

MENEGUETTE, A, A, C.A **Nova História da Cartografia ou a História de uma Nova Cartografia.** Disponível em < www.prudente.unesp.br > acessado em 16 de fevereiro de 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, A, R, B. **Por uma outra geografia radical:** compreendendo os lugares sob um olhar fenomenológico. Anais do I Colóquio Brasileiro de História do pensamento geográfico. Universidade Federal de Uberlândia. Abril de 2008.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa.** São Paulo: USP-IGEOG, 1978.

PISSINATI, M. C; ARCHELA, R. S. Geossistema, Território e Paisagem - Método de estudo da paisagem rural sob a ótica Bertrandiana. **Geografia.** Londrina. v. 18, n. 1, jan./jun. 2009.

SEEMANN, J. Mapas, Mapeamentos e a Cartografia da Realidade. **GEOGRAFARES,** Vitória, n°4, jun. 2003.

TUAN, Yi –Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 288 p. 1980.

_____. **Espaço e Lugar.** São Paulo: DIFEL, 1983.

VERGARA, M. R. CAPILÉ, B. **Comissão da Carta Geral do Império (1862-1878): Contextos e Processos.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: <www.snh2011.anpuh.org> Acessado em 27 de março de 2014.

SOBRE AS AUTORAS:

ALICE REGIS DORSA - Bacharel em Geografia (2012) com habilitação em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal de Goiás. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

ROSEMY DA SILVA NASCIMENTO – Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Engenharia Civil e Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora do Departamento de Geociências CFH/UFSC, atuando nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia.

Recebido para avaliação em novembro de 2014

Aprovado para publicação em dezembro de 2014